

VI - A cidade de Lamego durante o domínio árabe/islâmico

VI - A cidade de Lamego durante o domínio árabe/islâmico

1. Um pouco da história de Lamego
 - 1.1. Lamego árabe
 - 1.2. Os “Reis Mouros” de Lamego
2. Identificação da cidade islâmica.¹
 - 2.1. Localização geográfica da cidade e seu termo
 - 2.2. Superfície intra e extra-muros (traçado da muralha; portas; arrabaldes)
 - 2.3. Compartimentação interna (freguesias; bairros; localização da alcáçova e da almedina...)
 - 2.4. Cadastro da cidade (ruas e praças; outros espaços sociais - zonas residenciais, zonas de mercado, zonas cultivadas, cemitério...)
 - 2.5. Análise da planta (classificação da planta; identificação dos centros sociais.)
3. População; propriedade; economia; sociedade; administração pública e justiça.
4. Religião
5. Cultura
6. Vestígios arqueológicos e arquitectura
7. Higiene e saúde urbanas
8. Conclusão ao capítulo V

¹ Com base em: MARQUES, António Henrique de Oliveira - *Cidades medievais portuguesas (Algumas bases metodológicas gerais)*, Separata da Revista de História Económica e Social, 1982

1. Um pouco da história de Lamego

1.1. Lamego árabe.

Lamego foi desde muito cedo ocupada pelo povos árabes.

Almacári² refere que Muça Ibn Noçair na sua incursão pela península, com um exército de 18 000 homens, “*quase todos árabes e sírios*”³, após a tomada de Astorga conquistou a fortaleza de Bazu (Viseu). O percurso de Astorga a Viseu teria sido efectuado pela estrada romana que passa por Chaves (Aqua Flaviae), Murça (donde lhe terá deixado o nome)⁴ e, quanto a nós, obviamente, também por Lamego, que lhe fica no trajecto imediato dessa mesma estrada.

Em 715, escassos quatro anos após a entrada de Tárique na península com o seu exército, Abd Alazis, filho do citado Muça Ibn Noçair, conquista a Galécia e a Lusitânia, território onde se situava então a cidade de Lamego.

A relevância do povoado é tal que aparece, já então, citado pelos historiadores árabes como sendo uma das principais cidades do Garb al-Ândalus, ao lado de, por exemplo, Lisboa, Coimbra e Viseu.⁵

Embora fosse já considerada uma cidade importante, o seu florescimento durante o domínio árabe/islâmico e, sobretudo, durante a época do califado, entre 929 e 1031, é frequentemente enunciado pelos mais variados autores.

Isto sucede de tal forma que, aparentemente, os seus *valis* acabarão por vir a revelar uma grande influência e preponderância nas discórdias internas do próprio califado. *Lamico*, como lhe chamavam agora os árabes, tornar-se-ia, assim, um importante *valiato* de fronteira⁶, ao qual a sua localização, sobre a linha estratégica duriense, vinha acrescentar relevância.

A terra e sobretudo a urbe, crescendo em riqueza e importância, tornavam-na assim, cada vez mais, alvo da cobiça dos conquistadores, acabando Lamego por ser

² ALMACÁRI - “*The History of Mohammedan Dynasties in Spain*”, (trad. Parcial de Gayangos), vol. I, pág. 29

³ GIL, Júlio - *Os mais belos castelos de Portugal*, Lisboa, Verbo, 1986, pág. 46

⁴ Ver: DOMINGUES, José D. Garcia - *Portugal e o al-Andalus*, Lisboa, Hugin, 1997, págs. 59 e 60

⁵ Ver: CONDE, Antonio - *Dominación de los Arabes en España*, I, ed. 1840, pág. 62-63

⁶ Ver: CONDE, Antonio - *Dominación de los Arabes en España*, I, ed. 1840, pág. 164

tomada violentamente, por Afonso III das Astúrias e o território repovoado, donde a origem de muitos topónimos germânicos.

No entanto, este facto não terá constituído obstáculo duradouro, ou sequer consistente, à “arabização” em curso do território lamecense. Dentro em breve o rei Bermudo III, com o intuito de assim manter o seu reinado, far-se-ia tributário do *Califado de Córdoba*, estabelecendo a ponte necessária à estabilização e desenvolvimento de uma sociedade plural, onde cristãos, muçulmanos e judeus conviviam lado a lado.

Não chegando, como se infere, a haver um corte radical com a cultura e civilização árabes, estabeleceram-se, assim, as condições propícias à continuidade do crescente e avassalador fenómeno de “arabização” que se vinha dando já desde o início do século VIII. Desta forma a população *moçárabe* multiplica-se e começa a ser, cada vez mais, uma comunidade preponderante na região e sobretudo na urbe lamecense.

Este fenómeno de aculturação vai ser uma característica de toda a sociedade ibérica e é de tal forma acentuado que, em finais do séc. XI, a própria língua “romance” havia praticamente desaparecido, sendo o árabe a língua oficial dominante em praticamente todo o território do al-Ândalus.⁷

Os próprios bispos de Lamego, como de outras cidades (nomeadamente: Auca, Braga, Coimbra, Cória, Idanha-a-Nova, Porto, Salamanca, Viseu e Saragoça), serão também eles, a partir de determinada altura, *moçárabes*, mesmo após a tomada da cidade por D. Afonso III e após a restauração da sede episcopal⁸.

No entanto Lamego haveria ainda, mais uma vez, de ficar sob a administração directa do *Califado*. Assim, após *Almanson* haver vencido a batalha de Rueda, Bermudo III irá faltar à sua palavra, dando, com essa atitude, origem à tomada de Lamego pelo célebre *hájibe* e guerreiro. Corria o ano de 987.

A existência de uma população moçárabe, não só na cidade como em todo o território, ficará provada dez anos mais tarde, em 997, aquando da terceira expedição de *Almanson* pelos territórios do norte do *Garb Al-Ândalus*, desta feita a Santiago de Compostela (a segunda tinha sido cerca de dois anos antes em 995, culminando com a conquista de Astorga, então capital do reino leonês).

Nessa data, os condes cristãos da região, dissidentes da monarquia leonesa, que governavam as terras ao sul do Douro e se encontravam subordinados ao poder do

⁷ Ver: GUICHARD, Pierre - *Al-Andalus, 711-1492*, pág. 143

⁸ Ver: SIMONET, Francisco Javier - *Historia de los Mozarabes de España*, págs. 124/125

Califa de Córdova, irão juntar-se ao poderoso *hájibe* na célebre tomada de Santiago de Compostela que, diga-se, era então o centro religioso cristão da Península Ibérica.⁹

Esta junção de guerreiros cristãos e muçulmanos foi, durante muito tempo, usual e as próprias tropas de *Almanson* eram mesmo, em grande parte, constituídas por guerreiros cristãos¹⁰. Por sua vez, inversamente, também o exército de D. Afonso VI detinha um considerável número de tropas muçulmanas, cerca de 30.000¹¹. Factos que demonstram claramente como as lutas dessa época encontravam justificação e assentavam, ainda, muito mais em questões políticas, de ambição e de poder, do que propriamente religiosas.¹²

Almanson, aparentemente com o intento de demover os intuitos dos reis asturo- leneses do norte terá mandado edificar, nesta época, uma possante fortaleza de carácter praticamente inexpugnável, sendo certo que o castelo de Lamego é já referido no século X, nomeadamente no designado «Testamento de Ribulo frigido».

De facto os documentos coevos¹³ referem o carácter impressionante da fortaleza de Lamego, a qual seria agora dotada de altas torres. Segundo a “*Crónica dos Godos*” havia mesmo uma espécie de “*cintura defensiva*” em redor da cidade, formada por uma série de outros castelos (*«cetera castella in circuitu civitatis»*)¹⁴.

Não será, assim, por mero acaso que Almanson escolhe a cidade de Lamego como o local onde se irá estabelecer por algum tempo, logo após a tomada de Santiago de Compostela, para aí fazer a distribuição de parte do saque pelos condes cristãos que o acompanharam nessa expedição¹⁵. Aí terá redigido, ele próprio, o relato da campanha, que enviou, posteriormente para Córdova.

Lamego seria pois, à época, não só a cidade mais importante imediatamente a sul da dissuasora linha de fronteira formada pelo Douro, como também a mais segura e bem

⁹ Ver, AZEVEDO, Rui Pinto de - “*A expedição de Almançor a Santiago de Compostela em 997, e a de piratas normandos à Galiza em 1015-16*”, págs. 78/79

¹⁰ Ver: HERCULANO, Alexandre - *História de Portugal*, Volume I, pág. 105 e LÉVI-PROVENÇAL, E. - *Histoire de l’Espagne Musulmane*, vol. II, pág. 224

¹¹ Ver: HERCULANO, Alexandre - *História de Portugal*, Volume I, pág. 180

¹² LOPES, David - *História de Portugal*, volume I, págs. 422 e 423. Refere este grande arabista: “(...) *A luta entre eles (cristãos e muçulmanos) é mais de domínio político e económico do que religioso. Só o sentimento religioso exacerbado ofusca e cria intransigências. Ora a Idade-Média da Península não tem grandes ódios religiosos. Os invasores são tolerantes com os vencidos e os príncipes cristãos da reconquista dão aos vencidos de agora condições de vida suaves, considerando-os, apesar de outra religião, como membros dignos da nova comunidade. Só o século XVI, das luzes, mas também da Reforma, havia de envenenar os espíritos com o vírus da intolerância e tornar impossível a vida da comunidade.*(...)”

¹³ Ver: “MONACHI SILENSIS CHRONICON”, citado por Almeida Fernandes in, “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, vol. 14, pág. 610

¹⁴ “CRÓNICA DOS GODOS”, citada por Almeida Fernandes in, “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, vol. 14, pág. 610

¹⁵ Sobre o episódio da tomada de Santiago de Compostela por Almanson, ver: LÉVI-PROVENÇAL, E. - *Histoire de l’Espagne Musulmane*, vol. II, pág. 249/250; AZEVEDO, Rui Pinto de - *A Expedição de Almançor a Santiago de Compostela em 997, e a de Piratas Normandos à Galiza em 1015-16* e HERCULANO, Alexandre - *História de Portugal*, Volume I, pág. 152 a 156

fortificada.

No século XI Lamego passa a fazer parte do reino taifa de Badajoz, governado por Mudhaffar. Nessa altura o vali de Lamego, Zadan Ibn Huim (filho de Huim Alboacem), terá ordenado, mais uma vez, a recuperação e reforço da muralha do castelo. No entanto, e malgrado todo esse esforço defensivo, Lamego iria ainda sofrer, mais uma vez, o derrube das suas muralhas e nova mudança administrativa. Seria conquistada definitivamente por Fernando I «o Magno» num Sábado, 29 de Novembro de 1057, após a tomada de todos esses castelos circundantes, sendo porém que a magnificência das suas muralhas iria exigir o recurso a engenhosas torres móveis de madeira, catapultas, arietes e outras máquinas de guerra.

Fernando Magno terá chacinado parte da população árabe da cidade (“*lamecensis quoque mauri partim gladiis obtruncati*”) ¹⁶, tendo reduzido à escravatura outra parte, a qual terá sido obrigada ao trabalho de reconstrução de edifícios. Facto que, de alguma forma, ajudará a explicar a existência dos profusos vestígios de arte árabe e oriental em numerosas igrejas e templos da região.

“(…) Tudo indica que a igreja de Almacave (embora não o edifício presente) foi uma das que em 1057, após a conquista definitiva de Lamego aos Mouros, o rei conquistador, Fernando Magno (de Leão), mandou refazer e dotar, com outras suas vizinhas: «*partim (maurorum) vero ob diversa ecclesiarum opera ansis ferreis sunt constricti*», e do espólio «*melhor pars per ecclesias, et Christi pauperes, distribueretur*»: «*Monachi Silensis Chronicon*», in «*España Sagrada*», XVII, pp. 318-319. ¹⁷

Posteriormente terá sido D. Afonso III quem, por sua vez, terá mandado reconstruir as muralhas da cidade ¹⁸, ficando estas com o aspecto geral com que hoje se nos apresentam.

A notável cisterna, existente dentro da cidadela, abobadada e profusamente siglada, é referida por diversos autores com sendo de origem árabe ou mourisca. ¹⁹

1.2. Os reis «mouros» de Lamego

Embora o nosso estudo não fosse nesse sentido, pudemos identificar o nome de alguns dos designados «reis mouros» da cidade e território de Lamego, nomeadamente:

¹⁶ “MONACHI SILENSIS CHRONICON”, citado por Almeida Fernandes in, “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, vol. 14, pág. 610. Sobre este aspecto ver ainda: COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 77

¹⁷ FERNANDES, A. de Almeida - *Censual da Sé de Lamego (século XVI)*, pág. 63

¹⁸ Ver: GIL, Júlio - *Os mais belos castelos de Portugal*, pág. 46/47

¹⁹ Ver: GIL, Júlio - *Os mais belos castelos de Portugal*, pág. 47

Muça e Loleyma que aparecem referenciados na relação escrita executada pelo vigário da sé de Lamego em 1758²⁰, assim como Huim Alboacem²¹ (ou Alboazan), documentado historicamente em 1030, pai da lendária princesa Ardinga e de Zadan Ibn Huim (ou Laden Haben Huim), o qual sucedeu no governo de Lamego e foi quem ordenou a construção das muralhas, em parte ainda hoje existentes.

Este último era, por sua vez, pai de Echa Martim, o qual é figura histórica, encontrando-se provada a sua existência documentalmente em registos do cartório de S. João de Tarouca, da sé de Lamego e do arquivo de Salzedas. Echa Martim é considerado, vulgarmente, o último «rei» mouro de Lamego e a ele se encontram associadas algumas histórias que Frei Bernardo de Brito parece, no entanto, haver empolado, ou mesmo ficcionado.

Echa Martim (ou Martins) e sua mulher Axa (ou Aicha) Ansures, convertem-se ao cristianismo após a conquista de Lamego em 1057 por D. Fernando I, sendo o segundo nome de ambos o patronímico adoptado aquando do baptismo. Echa Martim acabaria, contudo, por ficar à frente do governo da região de Lamego por mais quase uma década, e da própria cidade quase trinta anos, pois que Fernando I, tendo em conta a sua lealdade, conversão ao cristianismo e, dizemos nós, também pela existência de uma importante comunidade moçárabe, acabaria por lhe deixar novamente o governo da terra lamecense.

Em 1064, após a conquista de Coimbra por D. Fernando I, irá assumir o governo do território (ou terra) de Lamego o conde *moçárabe* D. Sesnando (ou Sisenando), natural da arabizada Lafões e governador do então formado condado colimbricense.

Echa Martim, embora então sujeito a D. Sesnando, permaneceu contudo *alcaide* da cidade de Lamego por mais alguns anos, devendo ter falecido por volta do ano 1085.

É ainda conhecido o nome de um filho de Echa Martim e de Aicha Ansures, curiosamente chamado Martim Echa o qual, por sua vez, era o pai de João Martins, abade da colegiada de Almacave, conhecido como tendo sido o primeiro deão da sé de Lamego e que terá falecido em 1212.

Este aspecto da sucessão dos “reis mouros” de Lamego acaba por se revelar de suma importância nesta análise, na medida em que se prolonga mesmo após a conquista definitiva da cidade, perpetrada por D. Fernando I. O mesmo sucedendo posteriormente

²⁰ Ver: COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 73/74

²¹ NOTA: *Alboacem* deveria ser, em árabe, provavelmente: *Abdul' Hassan*

com a sucessão de Echa Martim por um conde *moçárabe* como D. Sesnando, o qual havia chegado a ser *vizir* na corte sevilhana de *Al-Mu'tamid*.²²

Para a mesma ilação vem contribuir o facto de que, após a tomada da cidade por D. Fernando I, Lamego tenha deixado de ter bispo, contrariamente ao que acontecia durante o domínio árabe. Este acontecimento, de difícil explicação, só se poderá entender, quanto a nós, se tivermos em conta que o próprio bispo seria moçárabe e que poderá ter ficado desagradado com as atitudes dos exércitos invasores para com a população da cidade, os quais, muitas vezes não distinguiram muçulmanos de moçárabes.

A D. Sesnando sucederia no governo do território colimbricense (do qual fazia agora parte Lamego), o seu genro D. Martim Moniz, o qual, significativamente, irá encabeçar em 1111 uma rebelião dos *moçárabes* de Coimbra contra o conde D. Henrique. Este aceita as suas principais reivindicações e concede foral á cidade.

A sucessão de todos estes aspectos vem revelar, e pôr em evidência, não só a inexistência de um “corte” abrupto com a cultura árabe nessa época, como precisamente o inverso, ou seja, um prolongamento no tempo dessa presença e influência.

Assim, teremos forçosamente que admitir que este prolongamento no tempo (repare-se que o neto de Echa Martim, João Martins, é já um personagem do século XIII) irá fazer perdurar e estabelecer uma continuidade nos usos e costumes que, obviamente, terá tido repercussões culturais fortes, tanto nas próprias populações, como nas “*marcas*” e vestígios que foram sendo deixados no território.

2. Identificação da cidade islâmica²³

2.1. Localização geográfica da cidade e seu termo.

A cidade de Lamego, localizada em zona estratégica, autêntica encruzilhada de várias vias importantes, que já os romanos haviam estabelecido, e que a ligavam também às mais prósperas e importantes cidades do al-Ândalus, nomeadamente Sevilha, Córdoba e Granada²⁴, localizando-se ainda na rota preferida para a romagem a Santiago de Compostela, desde cedo motivou os militares muçulmanos para a sua ocupação.

²² Ver: HERCULANO, Alexandre - *História de Portugal*, Volume I, pág. 192/193

²³ Com base em MARQUES, António Henrique de Oliveira - *Cidades medievais portuguesas (Algumas bases metodológicas gerais)*, Separata da Revista de História Económica e Social, 1982

²⁴ Ver Anexos: Mapa 1 (Principais vias de comunicação do Garb al-Ândalus) - págs. 67/68

São os próprios historiadores árabes, como vimos, que apontam Lamego como uma das principais cidades entre o Tejo e o Douro. Também as suas características topográficas, ligada a outros factores preponderantes, como o próprio clima e a um terreno fértil, onde as culturas típicas dos povos árabes e berberes eram possíveis, levaram a que rapidamente se transformasse em importante valiato de fronteira, com uma indústria e um comércio florescentes.

É sem dúvida o “morro do castelo”, actual freguesia de Almacave, o local de origem do povoado de Lamego. Aí terá existido um castro que os romanos terão destruído, facto que teria, assim, obrigado a população a descer à planície.

“Excessiva tributação teria provocado uma revolta local de que resultaria tremenda punição executada pelas legiões romanas a isso chamadas - incendiaram a vila, logo reconstruída e dotada de nova fortaleza e cerca muralhada, por ordem do imperador Trajano.

*Romanizada, a vila crescia a partir do cume acastelado, tornou-se cristã e ganhou alvará de «civitas», finalizava o século IV.”*²⁵

Podemos constatar, na realidade, que o aparecimento de vestígios arqueológicos romanos é profuso nas imediações do castelo, nomeadamente arcos sepulcrais, lápides e moedas. A própria igreja de Almacave ostenta nas suas paredes silhares de origem romana, o que também era usual no sistema construtivo durante a época árabe.

2.2. Superfície intra e extra-muros (traçado da muralha; portas; arrabaldes)

O traçado da muralha encontra-se ainda hoje bem delimitado e perceptível. É assim possível ter, ainda hoje, uma visão muito próxima do que seria a cidade na época do domínio árabe.²⁶ Os ainda hoje existentes panos da muralha medieval, ostentam inegáveis vestígios dessa época. *“Nestes muros, a par dos silhares da época românica, é possível encontrar, ao nível do embasamento, silhares de épocas mais recuadas, a que não será de todo alheia a ocupação árabe da cidade.”*²⁷

Aparentemente Lamego terá sido tomada pelos árabes sem grande esforço, ou mesmo sem luta. O que não será de admirar, se tivermos em conta que Lisboa, Sevilha ou a própria Toledo, que era então a capital do reino visigótico, se rendem, sem luta à chegada dos árabes, porque motivo tal não haveria de suceder com Lamego?

²⁵ GIL, Júlio - *Os mais belos castelos de Portugal*, pág. 46/47

²⁶ Ver anexos. Planta da cidade de Lamego no séc. XI, pág. 78

²⁷ FERREIRA, Natália F./ BARROS, Susana P. - *Douro, Rotas Medievais*, pág. 27

Assim, “*Os muçulmanos instalaram-se e aproveitaram de uma Lamego semideserta, onde naturalmente pouco ou nada terão derrubado. Outro tanto não aconteceu em diferentes horas históricas, com repetidos assédios, tomadas e retomadas cristãs e islâmicas. As casas, as muralhas, o castelo e as gentes de Lamego pagaram caro a própria importância.*”²⁸

Esta descrição dá já a ideia de como, entretanto, a cidade terá crescido se terá tornado um pólo fulcral no norte do Garb al-Ândalus.

É possível identificar duas portas na muralha, reedificadas provavelmente no século XII ou XIII, que todavia existem ainda hoje e mantêm a sua designação e que são a “Porta do Sol”, orientada a nascente e no extremo oposto a chamada “Porta dos Fogos” (também designada Porta dos Figos).

Conseguimos ainda identificar dois arrabaldes da época medieval, embora a sua designação não fosse a mesma durante o domínio árabe, tudo leva a crer que já aí se tivesse fixado parte da população. São eles o “Arrabalde da Sé” e o “Arrabalde da Seara”. O primeiro junto ao rio Fáfel (hoje Ribeira de Coura) onde se fixou a comunidade moçárabe em torno da chamada igreja de S. Sebastião (hoje Bairro da Sé) e o segundo no local que ficou conhecido como “Seara do Bispo” (hoje Bairro da Seara).

2.3. Compartimentação interna (freguesias; bairros; localização da alcáçova e da almedina...)

A divisão da cidade em duas freguesias provém já da Idade Média e poderia estar já consolidada durante a presença muçulmana, pois que sabemos que na parte baixa já se haviam estabelecido populações *moçárabes* em torno da igreja de S. Sebastião, a qual haveria de dar origem à própria Sé Catedral.

Assim, a freguesia da parte alta da cidade designar-se-ia de *Almacave* e a da parte baixa, junto à referida igreja de S. Salvador, de freguesia da *Sé*, aliás, tal como ainda hoje são conhecidas. Estes dois pólos urbanos irão, pois, ser as geratrizes do desenvolvimento urbano da cidade durante toda a Idade Média.

A *alcáçova* corresponderia, na época árabe, à zona constituída pelo actual castelo e respectiva torre de menagem, mas cuja construção deveria ter uma configuração algo diferente. No entanto os seus vestígios ainda se podem encontrar no aparelhamento diferente, escalonado e algo mais grosseiro, dos silhares do embasamento do castelo.

²⁸ GIL, Júlio - *Os mais belos castelos de Portugal*, pág. 46

Também em alguns panos de muralha poderemos detectar ainda trechos de aparelho diferente, com as mesmas características e que deverão corresponder a essa época. Terá sido, como já vimos anteriormente, o *vali Zadan Ibn Huin* (ou *Laden Haben Huim*), quem inicialmente terá mandado edificar esta fortificação.

A cidade, ou *al-medina* em árabe, ombreava com as muralhas, ladeava o castelo e estender-se-ia sobretudo na direcção nascente/sul. A sul, junto à muralha existia o chamado “*Largo de Almedina*”, onde havia também a *Fonte de Almedina*.

Por outro lado, a localização a sudoeste de *Almacave*, já fora do perímetro da muralha e que significa, em árabe, «cemitério, ou campo-santo» (*al-macab*), leva a pensar que aí seria o cemitério islâmico e que essa não seria então uma zona habitada, pelo menos a partir de determinado perímetro.

À antiga rua dos *Açougues Velhos*, localizada no lado sul do castelo, hoje Rua da Cisterna, deveria corresponder, obviamente, o *souk* (mercado, em árabe).

Esta e a actual rua do Castelo, antiga rua Sapateira, eram, na época, as ruas principais, talvez mesmo as únicas, existentes dentro da cerca muralhada.

A Rua do Castelo era uma espécie de corredoura, que ligava as duas portas da muralha - A Porta dos Figos (também chamada Porta dos Fogos da Proclamação ou da Vila), localizada no extremo poente da muralha e a Porta do Sol, no seu lado oposto.

2.4. Cadastro da cidade (ruas e praças; outros espaços sociais - zonas residenciais, zonas de mercado, zonas cultivadas, cemitério...)

A riquíssima toponímia de Lamego, que infelizmente se vai a pouco e pouco perdendo, conserva ainda hoje a identificação dos locais da época árabe, tais como: Açogue(s); Almacave; Almedina; Alvorações; Arrabaldes; Beiúves; Fáfel; Midões; Nazes; etc.²⁹

A toponímia faz supor que na antiga *Rua dos Açougues Velhos* (hoje Rua da Cisterna) se localizaria o mercado, ou a zona mercantil por excelência da cidade islâmica, pois que a palavra açogue provém da designação árabe *al-souk*, significando, precisamente «o mercado».

Da mesma forma em Almacave se localizaria o cemitério, pois que em árabe o vocábulo *al-macab*, significa «cemitério ou campo-santo».

O facto de o cemitério se localizar bastante próximo da *alcáçova* leva a pensar que a cidade se desenvolveria sobretudo no sentido nascente/sul. O prolongamento da

²⁹ Ver Capítulo V - Vestígios da presença árabe ao longo do rio Douro, 4. Toponímia, pág. 87 e segs.

rua principal do castelo (rua da Sapateira) através da rua da Olaria e do Couto da Sé, ao qual corresponderia inicialmente o *arrabalde* (do árabe *ar-rabād*) da cidadela, bem como pela medieva Rua da Corredoura, hoje Rua de Cardoso Avelino, a qual era a saída da cidade para o sul, mostram nitidamente o crescimento medieval da cidade como sendo feito no sentido sudeste. O que está de acordo com a localização das principais vias comerciais da época e que ligavam ao sul.

O topónimo Midões corresponderia, por sua vez, ao campo de lutas, ou de treino militar, que os árabes designavam por *midan*.

Por seu lado, a cisterna, localizada dentro do perímetro fortificado, parece ser também da época árabe e demonstra a preocupação com a defesa da cidade, em guerras e eventuais cercos prolongados.

O povoado extravasa os muros primeiramente do lado sul. Assim, encostadas à muralha, que acaba por praticamente desaparecer e ao longo do principal caminho de acesso à zona baixa e de cultivo, situada do lado nascente, vão aparecendo múltiplas casas de habitação, aproveitando a exposição solar favorável. É na zona baixa, nos terrenos mais férteis e de cultivo, junto à ribeira de Fáfel, onde então se localiza a igreja de S. Sebastião que se estabelecem as comunidades cristãs *moçárabes*.

Ao lado da igreja de Almacave irá desenvolver-se um bairro que será a judiaria. Um outro havia já sido criado junto da chamada Porta dos Figos. Havia mesmo a chamada *Rua da Esnoga* (e que hoje é a *Rua Nova*), a qual devia o seu nome, obviamente, à existência de uma *Sinagoga*.

2.5. Análise da planta (classificação da planta; identificação dos centros sociais.)

A planta, parece ter origem na forma arredondada da antiga povoação castreja, perceptível sobretudo do lado poente. Terá evoluído através de uma expansão no sentido nascente (para o rio e para as planícies mais férteis), tomando uma forma semi-oval ou ovalada e acompanhando a própria configuração topográfica do local.

A identificação da zona baixa como Rossio durante a Idade Média, leva a pensar numa transferência, nessa época, do centro social que seria anteriormente na zona alta, junto à alcáçova, para junto do novo centro religioso importante, o qual passaria agora a ser a igreja de S. Sebastião e posteriormente sé catedral.

O estabelecimento, nesse local, de uma preponderante comunidade *moçárabe* terá fomentado posteriormente o aparecimento do designado *Arrabalde da Sé*.

Um outro arrabalde acabaria por se desenvolver, mais tarde, na zona alta e plana da cidade, em terrenos da igreja, na designada *Seara do Bispo* e passando então a designar-se por *Arrabalde da Seara*.³⁰

3. População; propriedade; economia; sociedade; administração pública e justiça.

Lamego teria, como vimos, uma importante comunidade *moçárabe*, que é aliás amiúde referida e que deveria ser eminentemente rural, habitando os arrabaldes, nas zonas mais baixas e férteis.

Tinha também uma comunidade judaica, tal como grande número de povoações da época, havendo mesmo a menção a duas judiarias durante a Idade Média, embora nunca lhes encontremos referência durante o período árabe.

Ao lado da cidade existe a povoação de Penajóia, cuja designação arcaica era *Peñajuíá*, o que significaria Penha Judía³¹, indiciando também aí a presença de uma comunidade judaica. No vizinho concelho de S. João da Pesqueira existia uma judiaria, na chamada Rua dos Gatos.

A economia da cidade de Lamego apoiava-se na agricultura dos terrenos circundantes e numa florescente indústria artesanal que tinha a sua base na latoaria, metalurgia, ourivesaria, marcenaria, na indústria da tecelagem e na produção de sedas e linhos. Tudo leva a crer que houvesse também uma produção notável de cerâmicas e couros.

Os fornos de cozer telha e louça da região, são já mencionados desde o século XIII, nomeadamente em S. Marinho de Mouros. Na cidade, a importância desta indústria cristalizou-se no nome da Rua da Olaria, a qual se chamou Rua dos Oleiros, pelo menos até 1405.

O comércio é também uma actividade económica em grande expansão. Na cerca de Almedina, no Castelo, realizava-se uma importante feira, que chegou a durar um mês e que se manteve até ao século XV. A este importante evento comercial acorriam, para além de gentes de Entre-Douro-e-Minho e das Beiras, os “*mouros*” de Granada e Sevilha, fazendo chegar à cidade especiarias e tecidos orientais³².

É também de supor que a cultura da vinha e da oliveira houvesse já adquirido um desenvolvimento significativo. Há referências à venda herdades com “vinhas por

³⁰ Ver anexos. Planta da cidade de Lamego no séc. XI, pág. 78

³¹ Ver Capítulo V - Vestígios da presença árabe ao longo do rio Douro, 4. Toponímia, pág. 87 e segs.

³² Ver: LARANJO, F. J. Cordeiro - *Alguns Sumários da História de Lamego*, pág. 13

todo o lado”, na região, já em 1255, enquanto que as adegas e lagares são já mencionados no início do século XIV.³³

Os *almocreves*, desaparecidos na região ainda há não muito tempo, representaram também um papel importante, não só na economia como na cultura.

Para o desenvolvimento económico da região, na época, será ainda de ter em conta que o sistema tributário, imposto pelos árabes, se por um lado permitia às classes dirigentes viver de forma folgada, por outro também deu azo a que os senhores feudais locais mantivessem as suas propriedades, a sua riqueza e influência

Serão mesmo estes aspectos que irão levar a que os condes da região continuem a manter-se fiéis ao *Califado*, de tal forma que irão acompanhar e lutar ao lado de *Almansor* na sua célebre campanha de 997 contra Santiago de Compostela.

4. Religião

Aparentemente as comunidades religiosas conviviam paredes meias sem grandes conflitos. É possível identificar, como vimos, durante a época árabe/islâmica, comunidades judaicas; moçárabes/cristãs e, claro, muçulmanas.

A *mesquita* deveria localizar-se próximo da *alcáçova*, onde residiria então a maior parte da comunidade muçulmana. A localização mais frequentemente adoptada pressupõe que esta seria no local onde hoje se ergue o templo de Almacave, o qual havia sido construído, provavelmente, em cima das suas ruínas³⁴.

A presença judaica parece também ter sido bastante forte e importante em Lamego. Chegaram mesmo a haver duas *judiarias*, embora não saibamos se ambas coexistiriam no período árabe.

A “Judiação Velha” ou “Do Fundo da Cidade”, localizava-se junto da Porta do Sol e sendo a mais antiga, poderia já ser o “habitat” da comunidade judaica durante o domínio árabe. A outra chamada “Judiação Nova”, “Judiação Grande”, “Judiação da Cruz da Pedra” ou ainda “Judiação do Fundo”³⁵, localizava-se junto à igreja de Almacave.

Nesta *Judiação Nova*, havia mesmo a *Rua da Esnoga* ou *Sinagoga*, o que permite identificar também a própria localização do templo judio.

As comunidades cristãs, essencialmente votadas à agricultura, encontravam-se, como vimos, um pouco mais arredadas, nas zonas mais baixas, onde existiam melhores

³³ Ver: COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 298 e 375

³⁴ Ver: VASCONCELOS, Flório de - “O românico em Portugal”, in *História de Portugal* - SARAIVA, J. H. (dir.), pág. 731

³⁵ Ver: LARANJO, F. J. Cordeiro - *Lamego Antiga*, pág. 29

lugares de cultivo e por isso aí se localizavam as suas igrejas e templos. No que viria a chamar-se *Arrabalde da Sé* e onde se erigiria a actual sé catedral, existia a igreja de S. Sebastião em torno da qual se congregava a comunidade *moçárabe*, que se dedicava, essencialmente à agricultura.

Não temos conhecimento de que tenha existido uma “*mouraria*”, à semelhança do que sucedeu em outras cidades portuguesas. Aparentemente a tomada de Lamego por D. Fernando I «o Magno» deverá ter sido bastante penosa para os habitantes muçulmanos, mas também, estamos em crer, para os próprios cristãos *moçárabes*.

5. Cultura

A música sempre foi objecto de grande atenção por parte das gentes beiradurienses. A herança árabe é também (ou era há até pouco tempo) ainda bastante visível nas manifestações populares. O próprio Cancioneiro de Cinfães revelou, ainda recentemente, em meados do século passado, uma canção, cuja estrutura musical única no país, se julgava exclusiva da música marroquina ³⁶.

(...) Os serões nas aldeias para a desfolhada do milho ou espadelada do linho, acompanhados de cantares ao som de gaitas e arabis, constituía outro passatempo que mais tarde seria objecto das mais graves censuras por parte das autoridades eclesiásticas, por o julgarem moralmente condenável. Nos registos paroquiais, aparece em quase todos os povos o gaiteiro, mais raramente o arabileiro, ofício que às vezes passava de pais a filhos. No tombo do aro da cidade referem-se as fogaças no tamo, ou bodas de casamento, acompanhadas ao som do adufe. (...)” ³⁷

Nesta passagem, para além da identificação de alguns instrumentos musicais árabes como a gaita, o arabil e o adufe, podemos constatar a importância da herança árabe na designação dos próprios músicos (gaiteiro e arabileiro), assim como na música da região e a sua relação com algumas actividades ligadas às actividades agrícolas.

Mas a música não acompanhava apenas as festas e actividades ligadas ao mundo agrícola e do povo, como também toda a espécie de acontecimentos festivos. A música árabe acabará mesmo por se converter numa moda após a “Reconquista” e os *mouriscos*, dados a toda a espécie de cantares, músicas, danças e folias, eram chamados para abrilhantar as festas dos fidalgos e dos nobres. ³⁸ As próprias romarias eram, na

³⁶ Ver Capítulo V, 3. Cultura, usos e costumes - *A canção marroquina do Cancioneiro de Cinfães*, págs. 82/83

³⁷ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, págs. 477/478

³⁸ Ver, ALVES, Adalberto - *Arabesco. Da música árabe e da música portuguesa*, pág. 48

Idade Média, em Lamego, acompanhadas “(...) *ao som dos órgãos, alaúdes, guitarras, violas e pandeiros.* (...)”³⁹

O fabrico de sedas e tecidos era importante, não só em termos económicos, como também na forma de vestir da sociedade da época. Há o registo de um testamento datado de 1373, em que uma senhora deixa por legado à sua criada uma saia e um *alfoleime*. Esta peça de vestuário, também chamada *alfola*, era “(...) *um vestido rico, em forma de dalmática, que vinha de Granada* (...)”⁴⁰

A acentuar esta relação das gentes de Lamego com os mouros e o Oriente, há ainda um curioso relato de um sapateiro da cidade, chamado José, que havia viajado pelo Oriente. Havia inclusive estado em Bagdad, onde obtivera muitas informações sobre a rota das especiarias da Índia. Acabaria por ser indigitado por D. João II para que, acompanhado pelo *Rabi Abraão*, viajasse ao encontro de Pêro da Covilhã.⁴¹

Podemos ainda deduzir que a arte de trabalhar a pedra era bem conhecida e praticada pelos muçulmanos, pois que, após a tomada de Lamego, um grupo de 5.000 é obrigado a trabalhar na reconstrução dos templos e igrejas da região.⁴²

Na Idade Média os pedreiros eram conhecidos por *faber* (oficial), assim como os carpinteiros. As obras de madeira alcançam também algum relevo nesta época.

Os conhecimentos científicos aportados pelos árabes vão contribuir também de sobremaneira para o desenvolvimento das vinhas, dos métodos de irrigação (açudes, levadas) e captação de água (noras, cegonhas), e da agricultura de maneira geral. São introduzidas, na região, novas espécies de árvores e plantas, como as laranjeiras, tangerineiras e limeiras, mas também o zambujeiro, a alcachofra e a própria palmeira. O ladeiro (lódo, ou lódão, como é na região conhecido) acabaria por ficar como símbolo da própria cidade de Lamego, representado no seu brasão.

Os Berberes, exímios mestres na arte de construir socalcos, irão contribuir para o início do processo de transformação da paisagem do alto douro vinhateiro.

O desenvolvimento do comércio, os transportes de bens e produtos, as trocas comerciais e as feiras, irão ser o veículo principal de intercâmbio de culturas e saberes.

6. Vestígios arqueológicos e arquitectura

Ao nível da arqueologia, pouco existe, em Lamego que mereça ser mencionado.

³⁹ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 591

⁴⁰ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 479

⁴¹ Ver, COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 503

⁴² “MONACHI SILENSIS CHRONICON”, Almeida Fernandes in, “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, vol. 14, pág. 610

Não temos conhecimento de que hajam sido realizadas escavações para devolver alguma luz a qualquer problema relacionado com a época muçulmana, embora tenhamos a certeza de que, em realizando-se, muito se irá revelar do passado de Lamego.

Os locais, na cidade, que detêm importantes vestígios arquitectónicos foram já todos mencionados e são: a torre da Sé; a igreja de Almacave; parte da muralha da cerca do castelo; o embasamento do próprio castelo e, provavelmente, a já mencionada magnífica cisterna abobadada.

7. Higiene e saúde urbanas

*«Los árabes, como pueblo cuyas raíces se hunden en el árido desierto, siempre han conservado un especial aprecio y consideración hacia el agua. (...)»*⁴³

Lamego, como a maior parte das cidades árabes, ou islamizadas, deveria ter os seus banhos públicos, embora, até à data não tenhamos conseguido identificar a sua possível localização.

A necessidade da água para realizar as purificações próprias do ritual da oração dos muçulmanos, propiciou o aparecimento de fontes e lugares específicos para o efeito nas mesquitas. Também nas imediações dos edifícios religiosos, acabam por aparecer fontes e banhos públicos (*hammâmât*), localizados em edifícios independentes.

Tendo em conta a possibilidade de a mesquita se situar no local onde hoje se ergue a igreja de Almacave, não será descabido pensar que existiria aí próximo um balneário, ou edifício de banhos.

Algumas das indústrias que maior quantidade de água necessitavam, como a cerâmica; tratamento de couros; tinturarias; tratamento de têxteis (linho e cânhamo), vão-se situar fora da cidade, junto aos rios, quer pela própria necessidade da água para a execução dos trabalhos, quer pela facilidade de fazer escoar os resíduos produzidos.

Assim, em Lamego, é junto ao rio Fáfel, que se vão estabelecer algumas destas indústrias, nomeadamente do tratamento de têxteis, havendo registo de moinhos que aí funcionavam, e também da cerâmica, tal como era indicado pelo próprio nome da Rua da Olaria.

⁴³ FRANCO SANCHEZ, Francisco - *El espacio del agua en la ciudad de Orihuela en época islámica*, in EPALZA, Mikel de, et al - *Agua y Poblamiento Musulman*, pág. 33

8. Conclusão ao capítulo V

Lamego desde cedo atraiu e seduziu os povos árabes. Vários factores contribuíram para isso mesmo, sendo certo que a sua já grande importância na época para isso muito terá influenciado. Já o rei Sisebuto aí havia mandado cunhar moeda, o que conferia à cidade uma importância como capital de um pequeno reino. Era uma cidade a despertar para o comércio e indústria, por onde passavam, na época, as mais importantes rotas comerciais da Península. Lamego ligava, para o norte, a Braga e Guimarães, e para o sul - por Alcântara - a Mérida, Córdova e Sevilha. Era ainda ponto de passagem obrigatório, no caminho de Santiago, para romeiros e peregrinos.⁴⁴

A região oferecia ainda uma espécie de micro-clima onde as principais culturas mediterrânicas se podiam desenvolver, nomeadamente: o trigo; a oliveira e a vinha. As linhas de água que cruzavam a cidade permitiam ainda as mais variadas culturas, num terreno muito fértil e ajudavam simultaneamente ao desenvolvimento das indústrias das tecelagens, das tinturarias, dos couros, para não falar dos próprios cereais.

A cidade iria desenvolver-se durante esses séculos, extravasando a própria muralha, sofrendo mesmo uma notável expansão (*arrabaldes*) e crescimento urbano, tornando-se também um importante centro administrativo (*kuwar*), governado por um *vali*, cujo limite era demarcado pelos rios Douro, Távora, Vouga e Paiva. As próprias muralhas da cidadela são então reforçadas. Este núcleo central, onde vive a população árabe/muçulmana e onde se localiza a *alcáçova*, acabará posteriormente por dar origem ao castelo que ainda hoje existe⁴⁵.

Extramuros localizam-se os bairros judeus e cristãos (moçárabes). Os judeus paredes meias com a própria muralha, procurando a zona então mais comercial, embora em terreno pouco favorável, pois aparentemente muito próximo do próprio cemitério islâmico (Almacave). Os cristãos, então mais ligados à agricultura, vão-se estabelecer no vale, nos *arrabaldes* (em árabe, *ar-rabad*), junto aos terrenos mais irrigados e por isso mais férteis. A cidade desenvolve-se assim segundo um eixo nascente-poente muito bem delineado.

O sistema tributário dos árabes, por outro lado permitiu aos condes cristãos da região manterem os seus terrenos, propriedades e bens, embora pagando o necessário tributo como todos os não-árabes. Não querendo estar sujeitos a Castela e Leão, estes

⁴⁴ Ver: Anexos, *Principais vias de comunicação do Garb al-Ándalus*, mapa n.º 2, pág. 68

⁴⁵ Ver: COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 73

condes acabarão mesmo por prestar vassalagem (e tributo) ao *califa* e seguir com o célebre *hájibe* na tomada de Santiago de Compostela.

Graças a tudo isto a cidade cresce em dimensão e importância tornando-se mesmo uma das mais importantes da época.

No caminho que une a cidadela com o fértil arrabalde, junto ao rio, onde se estabeleceram as populações moçárabes, ao longo da íngreme vertente nascente do morro do castelo, começaram a surgir casas, originando aquela que é hoje conhecida como a rua da Olaria (e que foi dos Oleiros), denotando talvez uma indústria aí existente e que poderia remontar já ao domínio árabe. Outras indústrias surgem e desenvolvem-se, das quais as mais importantes parecem ser a produção de pano de linho; sedas e lonas e seu respectivo trato, mas também os couros e a cerâmica, como vimos.

O comércio era praticado dentro das muralhas, na pequena praça junto à *alcáçova*, onde se devia fazer uma espécie de feira. “À volta da acanhada praça levantava-se a casa das audiências, da relação e da cadeia; ali se reuniam todos os mercadores e acudiam todas as mercadorias. A cisterna abobadada era servida por uma profunda perfuração chamada o «poço do engenho».”⁴⁶ A própria rua que acompanhava a muralha pelo lado sul era designada como a rua dos *Açougues Velhos*, denotando a existência de um pólo comercial ou mesmo mercado.

A mesquita deveria estar também próximo da cidadela, embora extramuros, pois que a morfologia do terreno e a própria configuração da muralha e aglomerado urbano não permitiam uma grande flexibilidade que permitisse enquadrar um grande edifício. Tudo leva a crer que a mesquita pudesse estar no local onde hoje se ergue a igreja de Almacave, o que é aceite, ou pelo menos tido como muito provável, por variados autores. Assim, e como acontece em geral nas cidades islâmicas, também aqui os banhos públicos não deveriam ser muito afastados deste local.

O cemitério islâmico (em árabe, *al-macab*) também não deveria estar localizado muito longe como sugere a própria toponímia.

Assim, se a ascensão se tornara notória com a chegada dos árabes, agora, de forma inversa parece que com a expulsão definitiva da população muçulmana, após a conquista da cidade por Fernando «o Magno» em 1057, o seu declínio irá tornar-se irreversível.

Os “*mouros de Sevilha e Granada*” que antes aportavam à célebre feira de

⁴⁶ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, págs. 294/295

Lamego para aí venderem as especiarias das Índias “(...) *donde se abastecia todo o reino, por então não haver ainda trato da Índia (...)*”⁴⁷, são mencionados com saudade em 1532 por Ruy Fernandes, como o estertor do fim de uma época, de que é testemunho o seu pungente lamento.

De facto o descobrimento do caminho marítimo para a Índia iria retirar definitivamente Lamego da rota das especiarias e acabar com a sua própria feira “franca” que, nos tempos áureos, chegara a durar um mês inteiro. Factos que levariam M. Gonçalves da Costa a afirmar: “(...), *no final da Idade Média, as liberdades e a prosperidade que antigamente tinham constituído motivos de orgulho, não passavam de uma recordação.*”⁴⁸

De facto, se ainda em 1350 viviam no bairro do Castelo duzentas pessoas, passados cem anos 85% da população havia já abandonado esse mesmo bairro. Por outro lado a política de coarctação das liberdades municipais estabelecida por D. João I estará, obviamente, também directamente relacionada com este acentuado declínio⁴⁹.

Durante a dominação do território de Lamego pelos muçulmanos, este constituía um valiato, com amplas liberdades e autonomia, as quais após a conquista por Fernando I «o Magno» foi rapidamente perdendo, sendo sintomático o primeiro sinal dado pelo facto de a cidade imediatamente perder o próprio bispo que, acentue-se, coexistiu com o domínio árabe/islâmico.

Assim, torna-se impossível não relacionar estes factos: a ascensão da cidade de Lamego acentua-se com o estabelecimento do domínio árabe/islâmico, da mesma forma que, inversamente, o declínio se inicia imediatamente após estes serem obrigados a abandonar o território.

Querer ver nestes factos apenas uma mera coincidência revelaria, quanto a nós, alguma desatenção...

Para finalizar, ficamo-nos pela formulação de uma questão:

Estaria a população de Lamego assim tão “arabizada” nos seus usos e costumes que tem dificuldade em adoptar as novas regras impostas pelos príncipes cristãos?

⁴⁷ FERNANDES, Ruy - DIAS, Augusto - *Lamego do Século XVI*, págs. 34 e 35

⁴⁸ COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 383

⁴⁹ Ver: COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. I, pág. 448